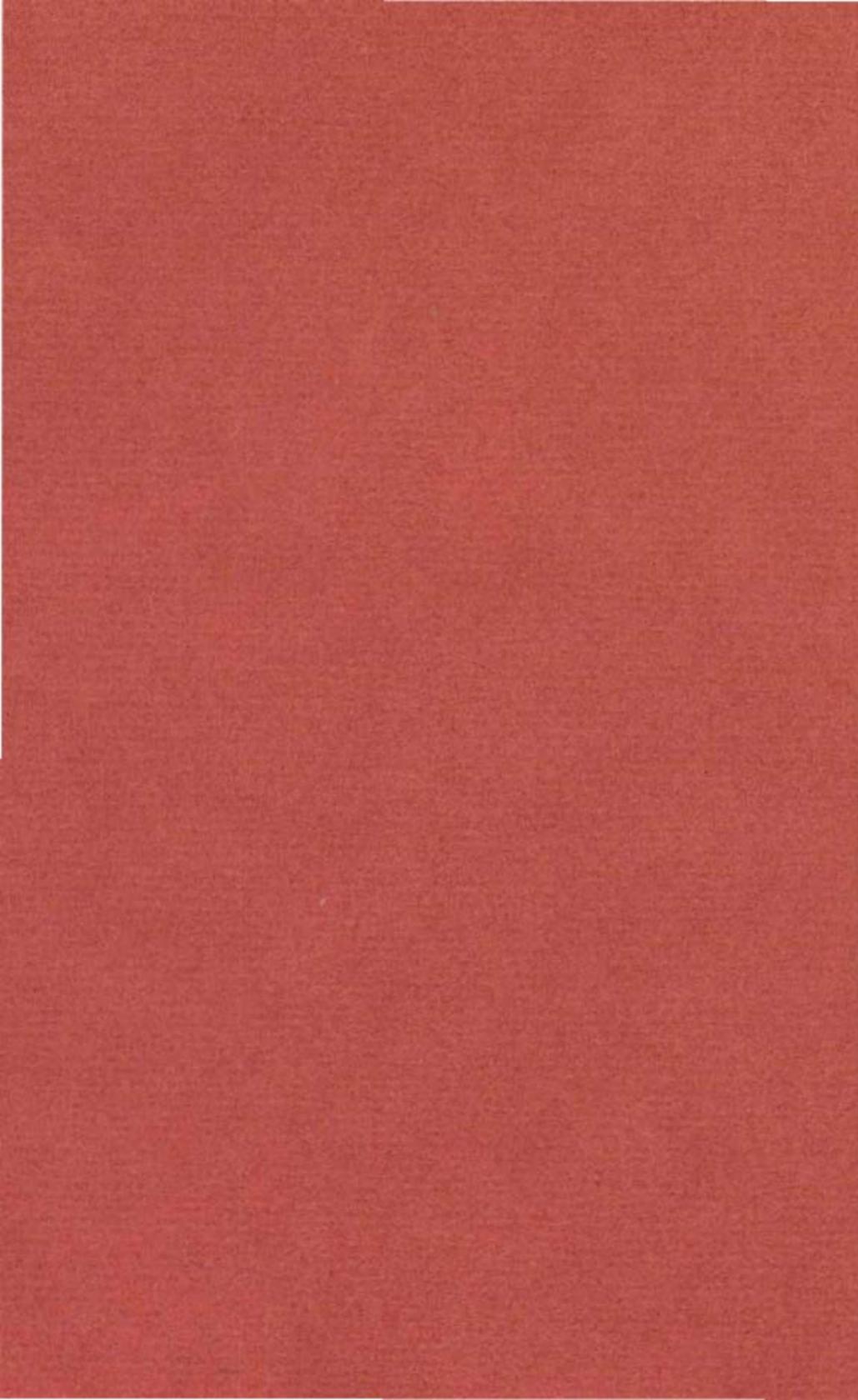


UM FLUMINENESE

A INDEPENDENCIA DO BRASIL

BIBLIOTECA DO
SENADO FEDERAL



80-



INDEPENDENCIA DO BRASIL

DRAMA NACIONAL EM QUATRO ACTOS

COMPOSTO

POR UM FLUMINENSE

E

APPROVADO PELO CONSERVATORIO DRAMATICO BRASILEIRO



PPPI

A
B 869.2
I 38
1
1862

RIO DE JANEIRO

Publicado e á venda em casa dos Editores

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, 77

1862

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

com número 112-f

do ano de 1944

PERSONAGENS

PRINCIPE D. PEDRO, Autor da Independencia.
JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA, Patriarcha da mesma.
JOSÉ JOAQUIM DA ROCHA, Auxiliar da mesma.
JOAQUIM GONÇALVES LEDO, idem idem.
JANUARIO DA CUNHA BARBOSA, idem (Padre).
JOSÉ CLEMENTE PEREIRA, idem da mesma.
VERISSIMO MENDES VIANNA, idem (Negociante).
JOÃO MENDES VIANNA, idem (Capitão de Engenheiros).
JOAQUIM DE OLIVEIRA ALVARES, idem (Marechal).
JOSÉ AROUCHE DE TOLEDO RENDON, idem, idem.
ANTONIO LEITE PEREIRA DA GAMA LOBO, Coronel da
Guarda de Honra.
LUIZ PEREIRA DA NOBREGA, Brigadeiro.
LUIZ DE SALDANHA DA GAMA, Empregado no Paço.
ALBINO DOS SANTOS PEREIRA, Major de granadeiros.
BRASIL, Colono indigena.
AMERICA, Heroína guerteira.
FRANCISCO GOMES DA SILVA, Valido.

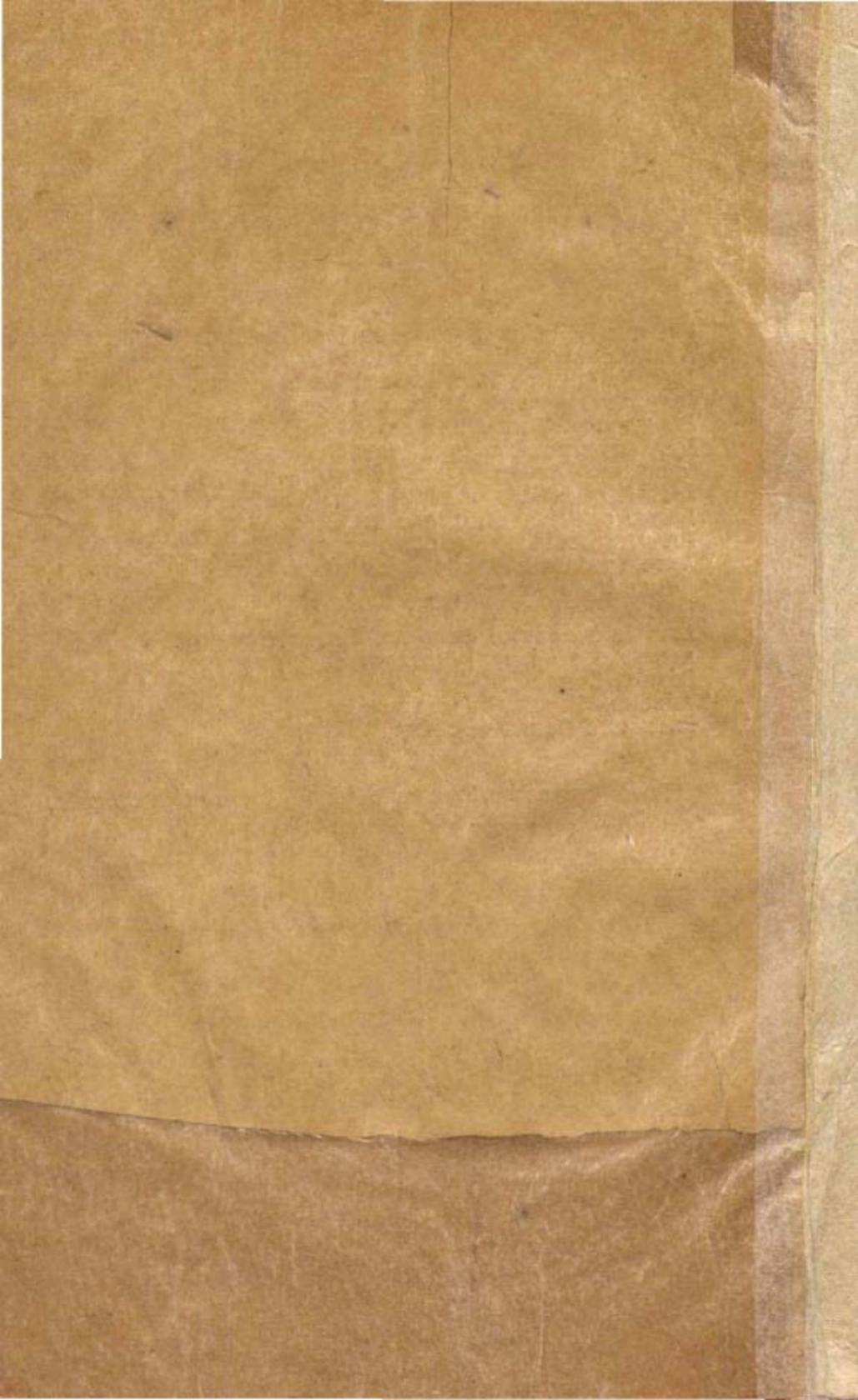
Povõ, tropas portugueza e brasileira, milicia do paiz,
coros e dous emissarios.

As scenas passão-se no Rio de Janeiro e em S. Paulo.

ÉPOCA 1822.

A' vista das leis que garantem a propriedade litteraria,
este drama não pôde ser representado em qualquer theatro
do Brasil sem prévia licença de seu autor.

que o Brasil vive oppresso, afflicto, vitima
do colono a sorte ingrata
que he conservada a sua coroa.



A INDEPENDENCIA DO BRASIL

ACTO I.



VISTA. — Uma espaçosa sala ornada de moveis de antigo gosto, tendo quasi no centro uma mesa coberta de encerado preto e guarnecida de panno azul, orlado de galão de lã amarella : ao levantar o panno ver-se-ha Rocha e outros personagens passear e conversar com grande interesse, mas em voz baixa.

SCENA I.

ROCHA, LEDO E OUTROS PERSONAGENS

que conversão entre si, e tendo chegado mais algumas pessoas do povo, entre as quaes se observão negociantes da praça, Rocha toma assento na mesa, e toca uma campainha que sobre ella está encima de um tinteiro : os personagens sentão-se indistinctamente.

ROCHA, *depois de alguma pausa.*

Ha tres seculos, tres seculos bem ferrenhos
Que o Brasil vive oppresso, afflicto vive,
Soffrendo de colonia a sorte ingrata,
Sorte que lhe conserva a lusa côrte.

Portugal descobrio as doces plagas
 Deste bello torrão que a vista encanta ;
 Mas a par deste dom , da grãa ventura
 Do seu descobrimento inda o conserva
 Exhausto dos recursos que dão vida !
 É que teme o gigante , que adormece
 Entre os fortes grilhões com que o prende ;
 Pois não quer dar-lhe vida, alento dar-lhe,
 Que as cadéas quebrar possa mui breve.
 Essas terras auríferas, verdes campos,
 Frondosos troncos de valor não visto,
 Despertão a avidez, attrahem cuidados
 Do governo e das côrtes portuguezas
 A respeito das cousas desta terra !
 Elles sabem que aqui a natureza
 Erigio seu imperio diamantino,
 Que a propria atmosphaera, embalsamada,
 A existencia dos seres vivifica ;
 Que o Brasil pôde ser inda o imporio
 Das sciencias, das lettras, da riqueza ;
 Que em si finalmente occulta o germen
 De um porvir de grandeza e primazia :
 Não quer pois a Metropole que lhe escape
 Esta bella porção do novo mundo,
 Que ás fadigas dos seus, ou de um vassallo,
 Foi em mil e quinhentos descoberta :
 Longe della exercer plena influencia

Não consente o oceano, que a separa
Das vastas terras do Brasil colonia,
Onde é força exercer tão forte imperio
Quanto possa obstar a Independencia!
Não contente de haver por largo espaço
Dominado o Brasil com mão de ferro,
Esbulhando dos cargos mais conspicuos
Os filhos desta terra abençoada;
Inda agora projecta, quem diria!
Arredar deste solo o Principe augusto,
Da doce liberdade só garante!
Quer trocar a esperança de um porvir
Pelo triste existir de um povo escravo,
Que na patria onde vio a luz primeira
Só deve trabalhar, sem outras vistas.
A regencia do Principe assignalada
Por actos liberaes, mui patrioticos,
Despertou lá das côrtes lisbonenses
O ciume, o temor, talvez inveja
De ver como o regente governava
As bellas regiões brasilianas!
É elle que em pessoa só cuidando
Da publica f'licidade, diffundia
A melhor esperança de um futuro
De grandeza, justiça e liberdade.
As côrtes portuguezas, que previrão
O desfecho moral de um tal governo,

Só procurão lançar com mão segura
Mil pês ao Brasil, regenerado
Pelo Principe regente em seus dictames.
Assim é que lá tratão com presteza,
Ausente estando os deputados nossos,
De uma Constituição que muito offende
Os direitos do reino-irmão-unido:
Inda mais, as provincias governadas
Vão ser por junta obediente ás côrtes;
O Principe viajar vai pela Europa
A pretexto de em tudo se instruir.
Quem não vê nestes tramas bem urdida
Uma politica de dominio eterno,
Para ter o Brasil preso á Metropole,
E tornar mui difficil a Independencia!
É tempo de obstar a um predomínio
Que funesto ha de ser á causa publica,
Que nunca deixará que um passo avance
Na senda do progresso que lhe é dado....
Convoquei-vos, senhores, porque é justo
Que todos tomem sua causa a peito,
Que representem com instancia ao Principe
Para a bem do Brasil nelle ficar:
É tempo sim, de proseguir na senda
Que incetára o Regente-Principe ;
Elle pôde, só elle, garantir-nos
Todo o bom exito da arriscada empreza.

Aqui tendes, senhores, neste escripto,

(apresentando um papel)

O que cumpre dizer sô ao senado
 Que o povo representa, e que é do povo
 O fiel defensor, fiel interprete :
 Assignemos que é tempo, e tempo avaro,
 De obter-se o que o povo tanto almeja ;
 Não se perca se quer um só instante
 Tão util, tão propicio á nossa causa.

(Todos se vão levantando para assignar, mas Ledo os interrompe.)

LEDO, *levantando-se.*

Peço a palavra.

ROCHA.

A palavra tem.

LEDO.

Mui pouco vou dizer sobre a materia ;
 Mas não posso deixar silencioso
 Passar um facto, que, affectando a todos,
 Mais affecta do Principe o seu character.
 É sabido, senhores, quando El-rei
 Partio p'ra Portugal em sua esquadra,
 Cá deixou no Brasil o Real Principe
 Como regente, e com poderes amplos :
 Uma tal confiança bem revela

O mais justo conceito, o bom accordo,
 De que elle faria, fielmente,
 A ventura e grandeza deste povo,
 Seria da união o melhor laço.
 Mas como o encara a portugueza côrte?
 Como o julga ante os olhos do Universo?
 Como suspeito, desleal ao Rei,
 Capaz de uma traição premeditada!
 Tal injuria soffrer, tal vilipendio,
 Não é proprio de um peito magnanimo,
 Nem deve sem protesto, sem reparo,
 Passar como a corrente mansamente.
 Applaudo, pois, a idéa requerida,
 Falle o povo ao seu Principe, por seu orgão,
 Que parece a partir já resolvido.

(Senta-se.)

ROCHA.

Vai ser lida a mensagem; attenção peço;
 Desejo que a doutrina agrade a todos,
 Que todos não recusem seu consento,
 Que emittão com franqueza o seu juizo.

(Lendo.)

« Ao senado da camara o povo envia
 « A melhor petição, seu voto ardente,
 « Na peor conjunctura em que se trata
 « Da partida do Principe que nos rege.

« As ordens de Lisboa elle obedece,
 « Como filho leal, fiel vassallo,
 « Que mandão que viaje pela Europa
 « Sob o futil pretexto de instruir-se
 « Entretanto o Brasil será guiado
 « Por juntas nomeadas pelas côrtes,
 « Pondo em cada provincia um directorio
 « Submisso aos dictames da Metropole:
 « O povo se resente, e desconfia,
 « De um plano de oppressão bem calculado;
 « Elle vê nessa ordem algum designio
 « De obstar ao progresso, e acção livre
 « Do Brasil e seus filhos, como é proprio.
 « Nutrindo estes receios, se avantajá,
 « Ao senado da camara requerer
 « Que em pessoa ao bom principe se dirija
 « Rogando que não parta, ao povo attenda,
 « Em seus votos e bem que lhe confia,
 « Tão certo de obter, quanto agradece.

(Põe o requerimento sobre a mesa.)

Eis aqui, meus senhores, breve esboço
 Do que cumpre rogar ao Principe augusto;
 Assignemos de prompto, e já partamos
 A buscar outras firmas, que engrandeção
 O numero dos que pedem, dedicados,
 Que o regente aqui fique e não se ausente.

(Todos se levantão, assignão o requerimento e quando tomão os chapéus para se retirarem, entra Januario e todos demorão-se.)

SCENA II.

OS MESMOS E JANUARIO.

JANUARIO.

Ceguei tarde, porém presto serviços,
Sou de boa noticia mensageiro ;
Não é só o Commercio que trabalha,
Para o Príncipe ficar e não partir:
Em quanto elle com vigor prosegue
Em fazer assignar sua missiva,
Um proprio de S. Paulo é grato nuncio
De que alli taes idéas germinarão.
O governo paulista representa,
Com a maior energia que é possível,
Contra as vistas sinistras do congresso,
Do Brasil a respeito, e seu regente.
Um Andrada, o mais velho, o mais conspicuo,
Da trindade que illustra a patria nossa,
Promoveu a mensagem que o governo
De S. Paulo autorisa patriotico :
Só dous dias precede a um protesto
Que Rodrigues da Costa assigna em Minas,
Com o do Rio emissario Paulo Silva,
Que serviços reaes prestou á patria,
Lá onde em Barbacena a camara hesita

Dar um passo, que alcança a boa logica
 De um peito brasileiro, amante e firme.
 Sim, a sorte parece ser propicia
 Aos direitos que temos, cerceados
 Pelas ordens das côrtes portuguezas.
 Eia! Sigamos o mais nobre exemplo
 Desses nossos irmãos, que se avantajão
 Em seu patriotismo, em seus serviços
 A prol da patria, liberdade e Principe:
 Secunda-los juremos:—Um não haja
 Que offusque a nossa gloria, o nome egregio
 De filhos desta terra abençoada!

(Todos se retirão menos Rocha, Ledo e Januario que ao verem
sahir os outros dirigem-se para a frente da sala.)

SCENA III.

ROCHA, LEDO E JANUARIO.

ROCHA.

Pouco resta obter sobre este ponto;

Estão aqui inscriptos personagens

(mostrando o requerimento)

Que o bem patrio fazer por certo podem.

Só me resta attrahir, dando alguns passos,

Da grande multidão nomes precisos

Que dêem força, valor, à causa sua,
 Causa da patria, que pertence a todos.
 Quem dissera que após desses momentos
 De toda confiança, e bom accordo
 Entre o Rei e o Principe, as côrtes queirão
 Frustrar a dita, que ao Brasil coubera!
 Opprime o coração, a mente assalta
 A lembrança funesta de arrancar-nos
 De nós o Principe, com pretextos futeis;
 De Juntas governarem as provincias!
 Vou sahir a tratar d'assignaturas
 Que nos podem propicias ser por certo.

(Vai a sahir, mas Ledo o interrompe.)

LEDO.

Talvez tarde já seja ; a esta hora
 O senado da camara a peito toma
 Do povo a causa em commissão sahindo
 Ante o Principe a pedir que elle não parta.
 E' este o seu dever a bem do povo,
 Que tão franco, tão claro manifesta-se
 Aqui, em Minas, em S. Paulo berço
 Desse heróe que defende a causa nossa.
 Entretanto da patria o amor ardente
 Não deve arrefecer n'um peito nobre,
 N'um peito brasileiro : um só instante
 Não devemos perder em prol da patria

Que livre a não ficar não fique escrava,
 Submissa, sem lei, sem nome e gloria!
 Partamos, sim, a conseguir quem possa
 Cousa alguma fazer nesta emergencia
 A bem da sua patria e de seu nome.

(Saem todos tres pelo fundo. Entra pelo lado um colono,
 que vive com Rocha; e, não vendo ninguem na sala, dirige-
 se mais para a frente da mesma.)

SCENA IV.

UM COLONO INDIGENA, só.

COLONO.

Ha dias que esta casa é frequentada
 Por tanta gente como eu nunca a vi!
 Não saber eu a causa? e se adivinho,
 Ha grande novidade, que me occultão!
 Eu que sirvo leal a meu bom amo,
 Que trahi-lo jámais é meu character,
 Não sei por que razão não me admittem
 A servir quando juntos só conversão,
 Ora baixo, ora alto e com calor!
 São minhas previsões, previsões justas,
 Que de grande segredo aqui se trata:
 Se eu fôra curioso bem pudera

Muitas cousas colher, e revela-las,
 De tudo que se occulta ao meu criterio!
 Acaso não sou eu um bom criado?
 Não sei quaes meus deveres? não os cumpro?
 Ser leal e fiel, obediente,
 Eis o typo exemplar dos meus iguaes.
 Mas quem sabe a razão certa de tudo?
 Que segredos são estes tão guardados?
 Tenho ouvido dizer que o Principe ausenta-se:
 Quererá tanta gente acompanha-lo?
 Se meu amo partir eu tambem parto,
 Vou com elle avistar terras não vistas,
 Por elle morrerei para salva-lo.

(Passeia e pensa.)

Eu não sei o que faça; elle ausentou-se
 Nada dizendo, sem dizer-me nada;
 Não sei se aqui o espere ou me retire,
 Se a porta feche ou conserve aberta.

(Ouvem-se passos e rumor á porta.)

Mas vem gente; sem duvida é meu bom amo;
 A' entrada espera-lo é meu dever.
 Vejamos como chega — alegre ou triste.

(Dirige-se á entrada e depara com tres pessoas decentemente
 trajadas á antiga.)

(A' parte.)

Enganei-me; não é. São tres senhores
 Que procurão por certo meu bom amo.

(Voltando-se para a porta e alto.)

Os senhores que ordenão desta casa?
 Se a meu amo fallar, sahio ha pouco;
 Mas podem descansar, talvez não tarde.

(Os tres entrão e sentão-se, e Colono fica á porta da entrada.)

SCENA V.

COLONO, VERISSIMO E DOUS NEGOCIANTES.

VERISSIMO *para os dous negociantes.*

Nossa doce missão está completa,
 O commercio firmou uma mensagem
 Que ao Principe dirigir a Camara deve.
 Ao sabermos porém que o povo em massa
 Outra igual assignou neste recinto,
 E' bom ver se de accordo estamos todos.

(Rocha vem entrando apressado; mas, deparando com Colono á porta, pára tambem.)

SCENA VI.

OS MESMOS E ROCHA.

ROCHA *para COLONO*

Ô que fazes aqui? Só me esperavas?

COLONO.

Não, senhor; mas cumprindo as vossas ordens

Aguardo respeitoso, que servi-las
Determinem as visitas que o esperão.

(Rocha, dirigindo-se para os tres personagens que o esperavão, as
quaes logo que elle entrou se havião levantado.)

Quanto folgo de ver-vos nesta casa
Tão minha como vossa; é só dispôr:
O que ha, meus amigos? factó novo
Além do que se passa cá na terra?

VERISSIMO.

Ao contrario é identico, e tão identico
Que cumpre harmonisar sómente os meios
De colher-se o bom exito desejado.
A vossa petição será d'accordo
Com o nosso pensamento aqui contido?

(Apresentando a representação do commercio, que tambem pede
ao Príncipe que não se retire.)

ROCHA, *depois de lêr.*

Justamente; nas phrases só diversa:
A por mim promovida a Camara a teve
Ha bem pouco, por minha mão entregue:
Só nos cumpre aguardar seu resultado.

VERISSIMO.

Assim, mais que apressado esta enviamos,
Que a tempo de saber-se chegue o quanto
Ao commercio tambem isto interessa.

(Sabe Verissimo e os dous negociantes que o acompanhárão.)

SCENA VII.

ROCHA E COLONO, e depois ROCHA só.

ROCI *para* COLONO.

Pôdes te retirar, deixa-me só;
Se alguém me procurar faze que entre.

(Colono sahe pelo lado.)

ROCHA só, *depois de uma pequena pausa.*

Qual será o desfecho desta empreza,
Tão util para nós e nossas vistas,
De algum dia o Brasil tornar-se Imperio?
Só o Principe o dirá; delle depende
Toda a nossa ventura, o seu reinado:
Parece que entre o pai e o proprio filho
Uma certa alliança se revela
Do bem publico fazer, de governarem,
Um aqui, outro alli os seus vassallos
Na melhor união, perfeito accordo.
Mas as côrtes.....

(Neste momento entra Ledo sem que Rocha o presinta.)

SCENA VIII.

ROCHA E LEDO.

LEDO, *fortemente e atirando Rocha,*

Que importão, sim, as côrtes?
Quando temos razão, força, direitos
De obstar á maior das injustiças?

ROCHA, *voltando-se para Ledo e sorprendido.*

A' fé! que me assustei: pois vosso brado
Tão forte resôou aos meus ouvidos,
Que não sei que julguei, quando abstracto
Reflectia na sorte desta terra!
Eu dizia que as côrtes.... sim, querendo
Annullar forte acção da gente nossa,
Se lembrára das ordens lá dictadas
Para o brilho offuscar do diamante
Que luz por toda a Europa e prende as vistas.

LEDO.

Tudo é certo; mais tarde ver o engano
Ha de o congresso de seu passo errado;
Não é na compressão que se previne
O melhor combustivel da explosão;
E' no livre respiro com que a arte

Gradúa a força que suspende a valvula,
Tanto physica e moral da salvação.

ROCHA.

Assim é; mal reflecte quando ordena
Que o Principe parta, e taes medidas toma:
Mas a cega paixão, ambição cega,
E' de tudo capaz, talvez....

(Neste instante entra Januario, o qual ouvindo as ultimas palavras de Rocha, responde com accento.)

SCENA IX.

OS MESMOS E JANUARIO.

JANUARIO.

De odio;

De odio, porém, não, mas de egoismo
De estender seu dominio além dos mares
Que separa o Brasil das lusas terras!
E' isto natural á especie humana,
Praticão povos de conquistas cheios,
Que não querem perder seu predomínio,
Inda mesmo que os braços não o abranjão!
E' egoismo que a moral dos povos
Devêra proscrever a bem commum:

Quem mal pôde suster-se, não carregue
 Com dobrados encargos, que é nocivo
 A si e aos outros sem propicios fructos.
 Não ha philosophia em taes governos
 Tão cheios de ambição, cegos de mando,
 Que o bem publico conculcão, porque querem
 Ostentar um poder discricionario,
 Possuirem dominios que não podem
 Cultivar e prover dos bens precisos.
 E' por certo ambição que não tolera
 O homem que reflecte, estuda e pensa,
 Sem paixão, sem orgulho, e zelo extremo
 Que em vicio degenera.... Mas é tempo
 De sabermos dos passos do senado
 A'cerca da missiva deste povo,
 Do commercio, de Minas, de S. Paulo.
 Adeos; eu me retiro.

(Vai a sair, mas Rocha e Ledo o detêm.)

ROCHA E LEDO

Tambem vamos.

(Neste momento entrão varias pessoas do povo que no principio assistirão á reunião, e entre ellas Verissimo e alguns negociantes da praça.)

SCENA X.

OS MESMOS, VERISSIMO E VARIAS PESSOAS
DO POVO.

LEDO, *para todos.*

Era neste momento que partiamos
Para a Camara a saber como trabalha
A bem da nossa causa e do bom Principe;
O que ha pois de bom, digão se sabem ?

VERISSIMO

A camara se reúne; é natural

(para Rocha, Ledo e Januario.)

Que seja para isso; a vossa falta
Tem sido mui sensível, quanto cedo
É para dar principio aos seus trabalhos.

ROCHA, *para todos.*

Meus amigos pois vamos; o Céu proteja
Todo o exito feliz da nossa causa;
Elle é justo, e a justiça só divina
Nos pôde dirigir na grande empreza
De ver nosso Brasil regenerado.
Façamos nós, o que de nós depende,
Envidemos esforços que são dados
A um povo livre, que na patria sua,

Não póde, inda que o queirão, ser escravo.
Partamos, sim, a imprimir a força
Que em taes actos convem que ella appareça ;
Junto á Camara prosiga o povo em massa,
Para impulso lhe dar, dar-lhe o prestigio
Que nasce da vontade e de seu nome,
Tão alto em seu poder moral e santo
Quanto o respeitão no valor e numero.
A só dedicação, constancia nossa,
A vontade do Principe, é quanto basta,
Para livre o Brasil tornar do jugo
Que projectão lançar-lhe eternamente :
Vamos, sim, promover o bem de todos,
A patria defender de seus contrarios.

(Saem todos e cahe o panno.)

FIM DO I ACTO.

ACTO II.

VISTA. — A sala onde o Senado da Camara celebrava as suas sessões: mesas e cadeiras em que se sentão os vereadores.

SCENA I.

JOSÉ CLEMENTE E MAIS MEMBROS DA CAMARA.

Povo e officiaes tanto das milicias do paiz, como da tropa portugueza; entre os quaes se distinguem Rocha, Ledo e Januario, negociantes e pessoas gradas da terra; reina algum rumor proveniente da conversação entre todos: José Clemente occupando a cadeira da presidencia, toca a campainha que está sobre o tinteiro posto em cima da mesa; os vereadores tomão seus lugares e reina profundo silencio e movimento de attenção.

JOSÉ CLEMENTE, *para os Vereadores.*

Um facto virgem, excitador do povo,
Impellindo-o a sahir dos parcos habitos,
Animou-o a tomar sobre seus hombros,
O peso enorme da defesa sua.
Os successos d'outr'ora, a ausencia rapida
D'El-rei p'ra Portugal, deixando o Principe,
Como regente, e seu lugar-tenente,

Dirigindo por si o Brasil todo,
 Parece ter por fim as novas ordens
 Aqui chegadas, do congresso filhas.
 O povo sente, com razão, que males
 Só lhe possão provir dessas medidas
 Imprudentes, sem duvida, e mal pensadas,
 Attento ao do Brasil, presente estado,
 Que melhor que ninguem conhece o Principe.
 Pede o povo que o Principe não, não parta,
 Que as ordens do congresso menospreze,
 Que prosiga nos bens sómente feitos
 Ao torrão que seu pai lhe confiára.
 Só por mim decidir poder não tinha,
 Mas é justo attender ao seu reclamo;
 O reclamo do povo é pois bem justo,
 A razão do seu lado manifesta-se.
 A partida do Principe eu a encaro
 Como um mal á união desses dous povos,
 Que rivaes ficarão nesta emergencia.
 Eis sua petição, cumpre tomar

(mostra um papel que põe sobre a mesa)

A respeito um accordo decisivo :
 Temos mais de S. Paulo uma missiva ;
 De Minas, um protesto ; é tudo identico,
 Tende tudo a um fim : que o Principe fique.
 O commercio tambem nisto interveio,
 Requer a mesma cousa, em tudo pensa

Como pensão as provincias que deprecão.
 Vai ser lida a mensagem de S. Paulo,
 Das outras seu contexto é mui sabido.
 O vice-presidente desta junta,
 Informado que o Principe se retira,
 Foi ás onze da noite que convoca
 Os collegas que assignão tal mensagem.
 Diz ella ao Principe, em expressões tocantes,
 Mas cheias de energia e consciencia :

(lendo)

- « Senhor não parta do Brasil! que o povo
 « Não tolera essa ausencia como pensão ;
 « Pois a vossa partida, asseguramos,
 « Será prompto signal de desunirmo-nos.
 « Separado o Brasil lá da metropole
 « Qual será o futuro que antevemos!
 « Bem sabe Vossa Alteza, sabem todos,
 « Que as tendencias do povo bem conhecem.
 « É uma injuria que viage incognito
 « Um Principe que de gloria se ennobrece;
 « É uma offensa ás affeições do povo,
 « Remover de seu seio o Principe augusto,
 « O herdeiro da casa de Bragança.
 « Como é que o congresso abalançou-se,
 « Sem presente lá termos deputados,
 « A legislar com o maior desplante
 « Sobre as cousas sagradas das provincias,

- « E mesmo sobre as de um reino inteiro ?
« Desmembrar como intenta, em tantas partes,
« Sem um centro deixar commum de força,
« De união tão propicia ao proprio reino ?
« Como ousão arrancar á Vossa Alteza
« O tenente lugar, que o pai augusto
« De Vossa Alteza, e nosso rei lhe dera ?
« Como mais despojar por seus decretos
« O Brasil do conselho da fazenda,
« Da junta do commercio, mesa d'ordens,
« Desembargo do paço e tantos outros
« Novos e uteis estabelecimentos nossos,
« Que promettião engrandecer a patria ?
« Onde irão pois os povos desgraçados
« Buscar remedio em seus futuros pleitos,
« Aos proprios interesses economicos ?
« Irão agora, depois de acostumados
« Por doze annos a recursos promptos,
« A soffrer outra vez, quaes vis colonos,
« As delongas, as tricas da justiça,
« Em leguas duas mil do oceano !
« Onde os suspiros dos vexados povos,
« Perdião todo alento e esperança ?
« Quem o crêra ? depois dessas palavras
« Tão meigas, mas dolosas, de igualdade
« Reciproca, de futuras flicidades,
« Que o congresso excedesse por tal modo?...

« Bem podeis evitar, Senhor, que males
 « Venhão inda pezar sobre o Brasil ;
 « Em vossas mãos está, salvai o povo,
 « Que confia de ha muito em Vossa Alteza. »

(Deposita a representação sobre a mesa e o povo prorompe em vivas por tres vezes á junta de S. Paulo : José Clemente continuando depois de alguma pausa)

À vista desta prova manifesta,
 Do interesse que toma o povo em massa,
 E' dever desta Camara, incorporada,
 Ir ao Principe pedir que acceda aos votos
 Dos vassallos fieis, que tanto o amão.
 Partamos, sim, a conseguir que fique,
 Que não parta o regente desta terra,
 Que governe o Brasil a bem de todos.

(Sabem todos, dando o povo vivas ao senado. Neste momento deve haver uma mutação de scena substituindo a Camara do Senado por uma das salas do paço da cidade, vendo-se no fundo o largo do mesmo nome. Logo em seguida entra o Principe Regente o qual fica em pé como á espera de alguém.)

SCENA II.

O PRINCIPE, JOSÉ CLEMENTE, VEREADORES,
E VARIAS PESSOAS DO POVO, *que ficão no
largo.*

JOSÉ CLEMENTE, *entrando na sala com a petição
na mão e fazendo uma reverencia, diz:*

- « Pede a alta politica, o povo pede,
 « Que o senado da camara a peito tome,
 « A causa do Brasil, de Vossa Alteza,
 « A união deste reino — á lusa terra;
 « Que assim convém a todos, paz e ordem.
 « Vossa Alteza, senhor, não ignora
 « Que mui pôde a ambição tenaz, occulta,
 « Espalhada talvez n'essas provincias,
 « Que compoem o Brasil que governais;
 « Ella não cede ao sentimento innato
 « De alcançar seus desejos, seus intentos;
 « Não muda, pois, assim de sentimentos,
 « Reverdece em esperanças, que atalhadas
 « Só parece poder o voto livre
 « Da patria e opinião que hoje domina,
 « Contando que aqui fique o seu regente:
 « Demorai-vos, senhor, entre nós todos
 « A dar tempo que o congresso estude

- « O estado das cousas deste reino ,
 « E informado lá seja como corre
 « Tudo cá no Brasil, como não pensa !
 « Dai tempo que receba destes povos
 « Suas justas razões, quanto requerem ;
 « Tempo dai que as provincias representem,
 « Que a patria deste modo será salva.
 « Dê-se ao Brasil um centro de união,
 « De toda actividade que convem ;
 « Em parte faça as leis, as execute,
 « Com poder competente, amplo e mui livre,
 « E tão bem ordenado que os dous reinos
 « Formem uma nação, uma familia.
 « Ha exemplo na historia d'outros povos,
 « Que na Europa procedem por tal arte :
 « Não tem a Inglaterra a si unida,
 « Não conserva inda assim a sua Irlanda ?
 « Demorai-vos, senhor, o povo o pede,
 « Pede sem duvida com extremo santo ;
 « Demorai-vos, que é bem para esta terra,
 « E' bem p'ra communhão que em vós confia :
 « Affagai nossos votos, nossas preces,
 « Dos filhos do Brasil que tanto almeirão. »

(Entrega ao Principe a representação e elle depois de re-
 rectir um pouco responde enthusiasmado :)

PRINCIPE.

Pois bem ; se assim feliz fazer eu posso

A nação em geral e bem de todos,
 Diga ao povo que FICO, que não parto !

(O Príncipe chegando á janella do paço dirige-se ao povo.)

Agora o que me resta e recommendo,
 E' perfeita união, tranquillidade.

(Ouvem-se vivas do povo ao Príncipe. José Clemente retira-se pelo fundo da sala e o Príncipe depois d'elle sabir tambem sahe pelo lado. Nesta occasião ha outra mutação de scena e apparece uma sala da casa de Rocha ricamente adornada e no interior estará uma mesa lauta de jantar occulta por uma cortina.)

SCENA III.

COLONO, só.

Hoje é dia de festa nesta casa,
 Temos grande funcção, muito trabalho;
 Não ha mãos a medir; meu amo exige
 Que não falte etiqueta aos convidados :
 Por mim tudo farei, que fazer possa;
 Até nisto agradar quero a meu amo;
 Vamos, vamos cuidar do que é preciso.

(Sabe.)

SCENA IV.

ROCHA, só.

Muito bem corre tudo, como é grato
 Aos nossos sentimentos, nossas vistas;

O Príncipe já não parte, elle trabalha,
 Em prol da do Brasil causa importante:
 Alegre o coração minh'alma vò
 Nas azas do prazer, cheia de jubilo
 Pela vasta extensão dos meus desejos:
 Quero dar expansão ao entusiasmo
 Que um peito brasileiro anima, exalta,
 Pelo grande triumpho que alcançamos.
 Entre amigos passar vou este dia,
 Recordando do Príncipe o bem que outorga
 Aos filhos do Brasil, a um povo docil,
 Tão docil qual mostrou-se o seu regente.
 Sim, é este o allivio aos males graves,
 Que sobre nós cahir erão propinquos:
 Suavise as fadigas do trabalho,
 Algumas horas, que repouse o espirito.

(Passeia satisfeito. Entra Colono.)

SCENA V.

ROCHA E COLONO.

COLONO.

Ha na sala de espera alguns senhores,
 Que forão por meu amo convidados
 Para o dia de hoje, como dizem:

Pedi que se sentassem emquanto vinha,
 Dar noticia apressado como devo.
 Ordene o que fazer me cumpre agora,
 O que devo dizer a taes visitas?

ROCHA.

Guia-las para aqui em breve tempo,
 Que as aguardo com gosto e todo affago;
 Pois para mim é este um dia duplo,
 Dia de gloria, de prazer, de agrado.

(Colono sabe, mas entra logo acompanhado de João Mendes,
 Albino e mais tres amigos.)

SCENA VI.

OS MESMOS JOÃO MENDES, ALBINO DOS SANTOS
 E CONVIDADOS.

COLONO.

Entrai, senhores, entrai sem cerimonia,
 Meu amo aqui está, vem recebê-los.

(Rocha vai receber os convidados.)

ROCHA, *depois de Colono sahir.*

Quanto folgo de ver-vos, meus amigos,
 Depois de tanto afan, tantos desgostos,
 Pelas cousas da patria, e do bom Principe:

A fadiga foi longa, o fructo grato,
 Haja pois só prazer, pura alegria.
 O que contão de novo, e tem ouvido
 Sobre os ultimos successos destes dias?

JOÃO MENDES.

Que Avilez demittio-se do commando
 Das tropas portuguezas, quando soube
 Que o Principe não partia e se empenhava
 Pelo bem do Brasil, a bem de todos.

ROCHA.

Era isto natural ; pois esse chefe
 Sempre contrario foi á causa nossa ;
 Quer com isto mostrar talvez ao Principe
 Um despeito, um imperio, reprovados.
 Pouco importa esse passo violento,
 Essa bravata de ameaça ingloria :
 O que perde o Brasil perdendo um chefe
 De forças que contrarias são aos nossos ?

ALBINO.

Assim é ; mas quem sabe as vistas suas,
 Seu projecto maligno, occultos planos ?
 Pensará que o regente retroceda
 I por nós tão livre dera ?

Ou pretende infundir temor, receios,
 Para pôr embaraço á marcha rapida
 Das medidas que impeção, contrariem
 Os planos da metropole, seus intentos,
 De conter o Brasil em certa esphera?

ROCHA.

Pôde tudo assim ser; mas que consegue
 Se o Principe de vontade a elle opposta,
 Decidido se mostra, a bem do povo,
 Tudo fazer, sacrificando a vida?
 E' assim que trabalha, é que se esforça
 Em medidas tomar em prof da patria,
 Em garantias do futuro nosso.
 Não ha pois a temer nada que assuste,
 Que tire este prazer que hoje sentimos:
 Vamos, sim, entreter-nos poucas horas
 Esperando os amigos que nos faltão.

(Sentão-se Rocha, Albino e João Mendes em torno de uma
 pequena mesa apropriada, e começam a jogar o vultarete, e
 os outros fazem o mesmo no lado opposto.)

SCENA VII.

OS MESMOS E COLONO *entrando.*

COLONO.

Novas visitas têm chegado agora,
 Que meu amo as receba ellas aguardão;
 Quer que as dirija para aqui? eu parto
 A fazê-las entrar, que lá não fiquem.

ROCHA *para o colono.*

Isso mesmo fazer devêras logo
 Que chegarão os amigos que nos honrão.
 (O colono sahe, e continuão a jogar.)

ROCHA *para Albino e João Mendes.*

Mal jogamos; attenção nenhuma temos,
 Todos como abstractos se revelão!

ALBINO.

E' que pensamos na da patria cara
 Futura sorte que antevemos todos!

JOÃO MENDES.

Que propicia será, porque nos rege

Um príncipe liberal, humano e justo,
 Amigo deste povo e de seu nome,
 Que os vindouros honrarão em sua historia.

SCENA VIII.

OS MESMOS, COLONO, OLIVEIRA ALVARES
 E CONVIDADOS.

COLONO.

Aqui tendes, meu amo :

(Rocha levanta-se e dirige-se para os convidados. Os outros levantão-se também.)

ROCHA.

Que agradece
 A honra que recebe neste instante
 Das pessoas que o attendem quando pede.

OLIVEIRA ALVARES.

E quem pôde faltar, quando um amigo
 Como vós, com razão e jus ordena?

(Abraçando a Rocha.)

ROCHA.

São favores que ficão bem guardados

Como reliquias que se adorão sempre.

(Dirigindo-se a todos que entrãõ.)

A' vossa espera se jogava um pouco
Como allivio ás fadigas do passado.

OLIVEIRA ALVARES.

Agradeço por mim, nossos amigos,
Toda vossa attenção e bons cuidados :
Invejo a vossa dita quando vejo
Como todos vos prestão a homenagem
Devida ao merito, só devida á honra.

ROCHA.

São favores, já disse; os não mereço,
Mas reconheço e os aguardo eterno.

OLIVEIRA ALVARES.

Isso não : são deveres que os amigos
Devem sempre cumprir com mais prazer.

ROCHA.

Pois bem ; como quizer, a outro assumpto :
O que sabem de novo a bem da patria ?

OLIVEIRA ALVARES.

Que o Principe só trabalha para ella,
Que cuidados, medidas desenvolve,

Afim de garantir o seu futuro.
 Tão boas providencias, os seus cuidados,
 O desanimo levarão ás lusas tropas,
 Cujó chefe pedira que o dispense
 Do commando qu'el-rei lhe confiára.
 E' rumor que projecta occultos planos,
 Que desfecho terá, inda ignora-se ;
 Mas é certo que o Principe, vigilante,
 Os manejos frustrar terá em vista.

ROCHA.

E' nossa confiança, é seu caracter
 Franco, leal, sincero a toda a prova :
 A gosto cada qual vá se entretendo
 Que a patria a boas mãos se acha entregue.

SCENA IX.

OS MESMOS E LEDO.

LEDO, *entrando.*

Que boa companhia, amigo, tendes,
 Isto sim, é prazer que a poucos cabe !

ROCHA.

São honras que me dão, e as recebo

Como um bem que aprecio, a que sou grato.
 Soube ha pouco que planos se projectão
 Da tropa lusitana, quanto ao Principe....

LEDO.

Mas que não passão de bravata e trama
 Para sustos causar, causar temores,
 A ver se ella consegue o que intenta,
 A partida do Principe a todo transe;
 Mas cuidados não dê....

ROCHA, *interrompendo-o.*

Nem eu os tenho.

LEDO.

Pois então ao prazer, que nada falta.
 (Sentão-se.)

SCENA X.

OS MESMOS, JANUARIO E COLONO *entrando.*

JANUARIO.

Oh! amigos! aqui! que bom concurso,
 Para defesa dos direitos nossos!
 (Para o povo.)



A pátria com taes filhos não succumbe,
 Pois em força moral excede á physica,
 Em seu patriotismo a tudo excede!
 São filhos do Brasil, são liberaes.

COLONO *para Rocha.*

Tudo está preparado.

ROCHA *para o Colono.*

Aqui espera ;
 Se alguém me procurar guia ao salão.

ROCHA *para os amigos e convidados.*

Mais um novo favor de todos quero ;
 Passemos todos á contigua sala.

TODOS.

Pois não ; com que prazer obedecemos.

(Saem todos pela porta do centro conversando, cujo reposteiro Colono abre, e se vê uma lauta mesa de jantar, que se occulta ao fechar-se o reposteiro.)

SCENA XI.

COLONO, só.

Trabalhei quanto pude, e consegui
 Tudo prompto deixar para o festejo :

Descansemos um pouco, enquanto gozão
 Dos manjares que agora saboreão.
 No meio do prazer folgão, se brindão,
 Enquanto pensativo eu permaneço!
 Como livres talvez agora esquecem
 O dia de amanhã, porque não temem
 Que lhes falte o preciso á propria vida!
 Mas eu que sobre mim carrego o peso
 Do rigor colonal, nem sempre posso
 Ter alegre o semblante, a mente calma:
 Reflecto no revés da sorte ingrata
 Que trahir-me bem pôde em um instante!
 Sei que cuidão de mim, mas inquieto
 Trago sempre o meu peito que palpita
 Pela doce emoção da liberdade.
 Ser livre, e não ser livre é triste sorte
 Que o futuro mudar bem pôde um dia;
 Mas enquanto a ventura assoma ao longe,
 Sou livre, mas vivendo como escravo!
 Do colono tal é por certo o fado,
 Inda que no Brasil nascesse indigena;
 Pois sujeito vivendo elle não pôde
 Gozar da liberdade....

(Batem á porta da entrada apressadamente.)

Mas quem bate?

Que presinto! Não sei que me adivinha
 Meu triste coração, minh'alma afflicta!

Vejamos quem nos honra em tanta pressa.

(Dirige-se á porta, abre-a e entra uma heroína vestida á milícia do paiz com saiote, trazendo na mão uma espada.)

SCENA XII.

COLONO E HEROINA.

HEROINA.

Quando o caso é de guerra, em paz só vejo
Tudo fazer inerte! Onde os da patria
Extrenuos defensores? Talvez durmão
Da confiança o somno illimitado!

COLONO.

Não, senhora, descansão das fadigas
De passados trabalhos, refazendo
As forças nos manjares que desfructão.

HEROINA, *para o publico.*

Folgão sem duvida quando a patria geme,
Quando à patria ameaça alto perigo!

(Para o Colono.)

Dizei-lhes que uma joven, uma guerreira,
Se tal nome mereço, aqui os espera;
Traz-lhes noticias que o prazer offuscão,
Que a mente dos heróes muito arrebatão!

COLONO.

Vou já.

(A' parte.)

Bem eu previa estes segredos.

(Sahe.)

SCENA XIII.

HEROINA, só, *passando.*

E' séria a causa do Brasil tão joven,
 Dessa porção de mim que o ser lhe dera !
 Inda fraco nas forças, tal gigante
 Já infunde temor à velha Europa ;
 Já chama sobre si tantos cuidados,
 Tanta ambição, ciume, inveja tanta !
 Mas, emfim, será salvo, eu o predigo.

(Entrão Rocha e todos os convidados e amigos, e o Colono acompanhando-os.)

SCENA XIV.

HEROINA, ROCHA, JANUARIO, LEDO, OLIVEIRA ALVARES, ALBINO, JOÃO MENDES, COLONO E CONVIDADOS.

ROCHA, *tomando a frente de todos.*

Diga, diga apressada que incidente
 Conduz á nossa casa uma guerreira ?

Ha perigo imminente, caso serio
Que a causa do Brasil ponha em perigo?

HEROINA.

Em si não é tão grave ao que parece,
Mas no futuro poderá tornar-se :
Cumpre evitar com tal denodo e arte
Que não possa estender seu predomínio,
Manter-se por mais tempo, ameaçando
Terriveis males, de funesto agouro !

JANUARIO.

Diga emfim o que é ; pôde a prudencia
Salvar a patria desses males todos !

HEROINA.

Os excessos são mãos, mas a energia
E' neste caso o melhor remédio ;
As razões podem muito, mas a espada
Quasi sempre decide estas contendas ;
O facto se revela em breve esboço :
E' sabido que o Principe apenas disse
Que ficava entre nós, que não partia,
A's tropas lusitanas desgostára :
Seu chefe demissão pedira logo ;
Seus soldados murmurão e ameação ;
Delias passam á acção antes que o chefe

Por acto official se desonere;
 Pois bem, assim se armão e se encastellão
 No forte que domina esta cidade;
 De grossa artilharia se premunem,
 Tendo á frente Avilez, tão denodado.
 São tropas aguerridas, mas que importa,
 Quando a voz da razão brada tão alto,
 Quando o fogo da patria o peito inflamma
 Dos filhos do paiz, quando a defendem?
 Não ha tempo a perder, ao campo corra
 Quem por ella morrer prefira á vida:
 Eu parto a defender os seus direitos,
 Seu futuro, a tão doce liberdade!

TODOS.

E comvosco, heroína, todos vamos.

(Saem todos apressados pelo fundo, e cahe o panno.)

FIM DO II ACTO.

ACTO III.

VISTA.—Campo de Sant'Anna, onde se achão reunidos povo e tropa, e as milicias do paiz, todos armados e em grande agitação: distinguem-se tambem todas as personagens que partirão da casa de Rocha.

SCENA I.

Na occasião que apparece o Principe ouvem-se vivas por tres vezes á Sua Alteza o Principe Regente, o qual agradece.

PRINCIPE, *depois de agradecer ao povo.*

Brasileiros ! que arrojo e desrespeito
 A' pessoa do rei, que represento,
 De meu pai, que partindo me entregára
 Do Brasil o governo e de seu povo.
 Anui a ficar, por vossos votos,
 Por assim o julgar que só convinha
 Aos vossos interesses, bem de todos.
 Vosso franco character, boa indole,
 Amor, dedicação, patriotismo,
 Meu espirito tocárão, e decidi-me
 A ficar entre vós para salvar-vos
 Dos planos de tolher vos o progresso.

Era então meu dever leal, sincero,
 Todo empenho tomar na vossa causa :
 Isto fiz e farei, porque sou grato,
 Porque sei meus deveres bem cumprir.
 Um povo dirigir é missão alta,
 Importante, difficil, de cuidados,
 De perigos que assaltão aos inexpertos,
 Quando em tempo não frustrão negros planos.
 Logo após de aceitar os vossos votos,
 Ficando no Brasil, fui affrontado
 Com mesquinha ameaça desse chefe
 Que commanda do reino algumas tropas :
 Me dispunha a brinda-lo dispensando
 Da sua commissão ; pois bem entendo
 Que ninguem necessario é no governo,
 E se o é, em momentos bem ephemeros ;
 Quando soube que as tropas que commanda
 Subirão do castello ás eminencias
 Que dominão a cidade e seus contornos :
 Mas tinha de antemão bem planejado
 Os meios de obstar os seus intentos :
 Um principe não simula os seus desejos,
 Não recua diante de ameaças,
 Quando um povo dirige como vós :
 E' assim que desprezo o bom ensejo
 De cumprir do congresso instantes ordens ,
 Que a peito tomo suffocar energico

Da tropa a sedição manifestada.
 Tinha tudo disposto, aviso e ordens
 Para aqui reunir-se a tropa nossa
 Ao mais tenue signal sedicioso :
 Folgo de ver tão grande entusiasmo
 Em momento mui serio e de perigo !
 E' facil com tal povo empresas nobres,
 Empresas patrioticas, de conquista !
 Vou fazer intimar ás lusas tropas
 Que deponhão de prompto as armas suas,
 Visto que do serviço dispensadas
 D'ora avante ellas são até partir.
 Sempre contei comvosco e inda conto,
 Para o bom exito da feliz empresa:

(A todos.)

Contai tambem comigo ; eu me retiro.

(Sahe, e todos dão vivas ao Principe.)

SCENA II.

OS MESMOS, MENOS O PRINCIPE,
 UMA HEROINA.

LEDO.

Não nos falte energia, pois coragem
 Nunca faltou a dedicados peitos;
 O tempo foi-se de enganar os homens,

De trahi-los sem fé, sem honra e gloria !
 Não haja um Brasileiro que não tome,
 Um amigo da patria, a peito a causa
 Que de todos commum vai sendo agora !
 E' certo o desengano, é certa a offensa,
 Não passe sem reparo, sem protesto
 A audacia e vistas do congresso e tropa !
 Quando falla a razão cessa o egoismo,
 Só impera a justiça, a lei impera
 Sobre a feia ambição que tudo ataca,
 E coragem não falte, haja heroismo !

HEROINA.

Bem fragil como sou, qual é meu sexo
 Não temo, não recuo ante as bravatas
 Das tropas portuguezas que dominão
 Lá do alto castello as nossas plagas.
 No peito feminil tambem se nutre
 Amor pela da patria santa causa ;
 Arde em sua oblação valor immenso !
 Valor que é bem propicio aos nossos votos !
 Dominar o Brasil na doce infancia
 E' os vãos cortar do seu progresso :
 Portugal se o pretende é louco avaro
 Que não sabe o que perde em seus intentos !
 Pois que livre o Brasil, será tão livre
 Que o futuro o fará independente.

Esta bella porção de mim quem pôde
 Segrega-la de todo, sim, d'America,
 Que inda um dia será tão potentosa
 Quando unida ella fôr por seus Estados.
 Brasil, feliz Brasil, eu te saúdo;
 Pois tão joven já causas tanta inveja!
 Não temas a oppressão, que um peito livre
 Nunca pôde, jámais tornar-se escravo;
 Tudo baldo será: trama, ameaças,
 Não, não debes temer de teus contrarios:
 Livre viste teu sol, e serás livre,
 Como a America ha de ser independente:
 Tão risonho é o futuro que te aguarda
 Como certa a união que nos espera.

SCENA III.

OS MESMOS E NOBREGA, AJUDANTE D'ORDENS
 DO PRINCIPE.

(Movimento geral de attenção.)

NOBREGA.

Manda o Principe, senhores, que eu relate,
 Que desvelado pela causa vossa,
 Tem elle feito tudo, e tudo emprega
 A bem da nossa sorte e garantias;

Assim é que intimou ás tropas lusas
A depôr suas armas promptamente,
Aguardando que o fação, dispensadas
Do serviço até breve ellas partirem.
De prompto obedecêrão, e sô pedirão
Conservar suas armas por defesa
De alguma offensa, com temor dos nossos :
O Principe o concedeu ; mas embarcando
Para a Villa-Real da Praia-Grande,
Que a bahia as separe por cautela.
Esta ordem cumprir vão apressadas,
Hoje mesmo lá ficão em segurança :
Descañai sem receio, porque o Principe
Vigilante defende a nossa causa.
Tendo minha missão cumprido agora,
Eu parto a receber do Principe as ordens,
E ao serviço me pôr de Sua Alteza :
Meus amigos, adeos, os céos protejão
A causa do Brasil, a causa nossa.

(Retira-se o emissario, continuando a conversação entre todos
em voz baixa.)

SCENA IV.

OS MESMOS, MENOS NOBREGA.

ROCHA.

Inda bem que assim livre a patria fica
 Desses dous batalhões, da lusa gente ;
 Que sempre em sobresaltos, sempre em sustos
 Trazia do paiz os filhos natos.

JANUARIO.

De exultar não é tempo ainda, amigo,
 Quem sabe que tropeços nos antolhão ?
 Devemos confiar, e assaz confio
 Na pericia do Principe, em seus cuidados.
 Muito pôde, porém, subtil embuste,
 Uma negra traição. bem combinada,
 E assim é mister, antes que tudo,
 Aguardar seu desfecho, a confirma-lo.

LEDO.

Eu não vejo razão a mais plausivel
 Para em duvida inda pôr bons resultados ;
 A tropa vai seguir, breve embarcando,
 Deixando do Brasil as doces plagas.

Não temo que frustrada seja a espera
 De partirem mui cedo as tropas lusas,
 Porque baldas de apoio é temeraria
 A menor resistencia em terra estranha.
 Só me afflige saber se já partirão
 Lá do cimo castello, que occuparão
 Com a maior prevenção certas de um plano.
 (Entra o emissario do Principe.)

SCENA V.

OS MESMOS E NOBREGA.

ROCHA.

Eis que chega do Principe um enviado,
 Elle póde dizer-nos como correm
 Os negocios da patria que almejamos.

NOBREGA.

Já transpoz a bahia a tropa, e occupa
 Nossa Villa-Real da Praia-Grande ;
 Mas vem nova exigencia pôr tropeços
 A' pacifica partida que esperavamos.
 Lá projecta saber ordens das côrtes,
 Que propicias suppõe á causa sua ;
 Mas o Principe se nega a dar ensejo

De levar inda avante os seus projectos :
 A bordo de um baixel, á vista estando,
 Intima ás tropas que viagem sigão :
 Fez-lhes ver, com valor, se tal recusão
 Que elle proprio será, certo, o primeiro
 Em fazer-lhes de bordo um vivo fogo.
 Ao partir para aqui, seu emissario
 Junto ao Principe chegado inda não tinha :
 Assim é natural ou que embarcassem,
 Ou que o Principe a força-las se disponha.

LEDO, *para todos.*

Não ha tempo a perder ; partamos todos
 Para junto do Principe a defendê-lo ;
 Ajudando a vencer a reluctancia
 Das tropas portuguezas ao embarque :
 Sim, é força partir, visto que a patria
 De seus filhos precisa inda este auxilio :
 Vamos que é tempo, e que perder não deve
 Quem por ella morrer jurou fazê-lo.

(Sahem Ledo, Rocha, Oliveira Alvares e a Heroína com os
 milicianos e parte do povo, ficando em scena Colono, Januario
 e outras pessoas.)

SCENA VI.

COLONO, JANUARIO E VARIAS PESSOAS.

JANUARIO.

Eu sempre receei algum embuste
 Da tropa que tão prompta sujeitára-se ;
 Pareceu-me antever a reluctancia
 Ao chegar o momento da partida.
 Ganhar tempo ella intenta, eu bem prevejo,
 Para ver se inda frustra os nossos planos ;
 Mas o Principe ha de estar bem prevenido
 Contra os manejos e intentos della.

COLONO.

Quando livre o Brasil, eu tinha livre
 Das suas sugestões, eis-me enganado :
 Inda temo e receio algum disturbio,
 Que trabalhos nos dêem, nos dêem cuidados.
 Debalde o pensamento eu sempre emprego
 Em saber do paiz qual seja a sorte,
 Não posso penetrar, lêr no futuro,
 Que o futuro sómente a Deos pertence.
 Vivo triste, infeliz, porque colono
 Não sei se serei só, sempre existindo !

E' doce a liberdade, mas não tenho,
Porque vivo sujeito em meus dictames !
Se da sorte algum dia eu fôr querido,
E propicia me seja em libertar-me,
Então meu peito, de prazer enchendo-se
Ha de vivas bradar à liberdade !

JANUARIO.

Filho da patria, é justo o teu assomo !
O Brasil nasceu livre, embora escravo
Se capriche torna-lo, é tudo inutil.
Que gloria para nós é combatermos
Pela sagrada e doce liberdade !
Partamos a prestar nosso concurso
Ao Principe e ao paiz que em nós confião :
Valor não falte, que constancia temos ;
Salve a patria seus filhos, quem por ella,
Ou vencer ou morrer jurou fazê-lo.

(Retirão-se todos apressados, e nesta occasião haverá uma
mutação de scena.)

SCENA VII.

VISTA.—Largo do Paço nessa época, vendo-se o edificio da residencia real; ficando a praça cheia de povo e tropa, e no paço entrão o Principe D. Pedro, Rocha, Ledo, Januario, Oliveira Alvares e varias pessoas gradas.

PRINCIPE.

Lá sulcão mares, que as transpõem á patria,
 As tropas do meu rei, da nação lusa :
 Propicios ventos a bom porto as levem
 Bem longe do Brasil, ás plagas suas.
 Mil cuidados nos deu em breve espaço,
 Depois que dediquei-me á causa vossa :
 Hesitárão partir, após haverem,
 Com promessa, o castello abandonado.
 Querião conservar-se até das côrtes
 Noticias receber, por sua esquadra ;
 Mas tanto incommodou-me esta estrategia,
 Que impuz a partida á viva força.

JANUARIO.

Eu nunca duvidei, que taes tropeços
 Bem pudessem surgir á causa nossa :
 Com quanto facil de vencê-los cria,
 Pelas ordens, valor de Vossa Alteza.

PRINCIPE.

E' tempo de cuidar com todo esmero
 Das cousas do paiz, do bem de todos :
 Quem muito trabalhou, me ajude ainda
 A cumprir meu dever em governar.
 Um Andrada esquecê-lo jámais posso,
 Meu primeiro ministro é nomeado ;
 São taes os seus serviços, tal seu merito,
 Que precisos me são a bem da causa.

(Ouvem-se vivas do povo a José Bonifacio.)

ROCHA, *para o Principe.*

Eis que chega, senhor, vosso ministro,
 Não tarda a vir fallar á Vossa Alteza,
 Cujos votos vão ser, breve completos,
 Por serem do paiz sinceros votos.

(Vem entrando José Bonifacio.)

SCENA VIII.

OS MESMOS E JOSÉ BONIFACIO.

JOSÉ BONIFACIO, *depois de comprimentar ao
 Principe e a todos os presentes.*

Chegado apenas de S. Paulo ao Rio,
 Saudar á Vossã Alteza, era um dever :

Meu cuidado foi este, era o meu voto,
 Dos Paulistas, senhor, seu pensamento.
 Por mim, por elles, Vossa Alteza acolha
 As nossas oblações, grata homenagem ;
 Certo que em peitos brasileiros vive
 Quem a bem do paiz tem feito tanto.
 Acabo de saber, senhor, que as tropas
 Da metropole a seguir objectarão ;
 Mas que pôde o valor, pôde a prudencia
 De Vossa Alteza conseguir o embarque.
 Dellas livre o paiz estando agora
 Só desvelos por elle é nosso empenho ;
 Bem pôde Vossa Alteza em seus esforços
 Feliz torna-lo, promover-lhe a gloria.

PRINCIPE.

Essa nobre intenção me anima o peito ;
 De ha muito que medito o seu progresso :
 D'ora avante cuidar, como me cumpre,
 Delle vou, confiando em teus conselhos.

JOSÉ BONIFACIO.

Tanta honra, senhor, eu não mereço ;
 Fraco auxilio prestar, posso ao meu Principe ;
 Mas que sempre será franco, sincero,
 Por que a feia traição detesto, odeio.

PRINCIPE.

Sei de mais teu character, quanto has feito
Em prol de teu paiz, em gloria delle :
Seja o povo feliz, te contemplando
Como a mola real do seu progresso.
Delicada missão, é missão culta
Um povo governar liberalmente ;
Seus direitos manter, sem que offendidos
Seja o bem publico, bem estar domestico.
Da justiça, o poder, certo é garante ;
Ella em si um direito o mais sagrado ;
O arbitrio que a offende, é crime horrivel,
Severa punição deve obsta-lo.
Um povo se congrega civilmente,
Porque quer protecção, quer garantias ;
Se lhe faltão, ai de nós, tudo perdemos,
Por perdermos tambem a liberdade.
Meus cuidados serão, os teus o sejam,
Os direitos do povo assegurarmos .
Ninguem deve soffrer, ficar impune,
Innocente, ou delictos commettendo.
E' principio, que a lei igual só seja,
Quer castigue ou premeie algum vassallo ;
Que os direitos de todos bem mantidos,
Assegure do povo a f'licidade.
Excluido não seja um só dos filhos,
De empregos do paiz, mostrando merito ;

Commercio, industria, agricultura e artes,
 Inteira liberdade, é vida sua :
 Restringida só é, qual bom direito,
 Exigindo o bem publico, em caso extremo.

JOSÉ BONIFACIO.

Direitos naturaes, como os divinos,
 Respeitão povos no direito interno,
 Quando a bem da justiça, a bem dos homens,
 Promulgão leis de utilidade publica.
 Aberrar dos principios mais sagrados,
 E' abuso inaudito, offensa aos dogmas,
 Que males causarão, de certo, ao povo.
 E' mui alta missão, senhor, que tendes,
 A cumprir, como a mim me encarregais !
 Mas tudo envidaremos, força, estudo,
 Que convem ao paiz, nos resultados.
 As côrtes, quasi aniquilarão tudo,
 As provincias do centro separando :
 E' mister concentrar mutuo concurso,
 Que repilla aggressões de força estranha.
 Seirão, pois, meus cuidados, todo accordo,
 Perfeita intelligencia em nossas vistas :
 Convem que promulgado seja em breve
 Um decreto invocando um bom conselho,
 Que o povo represente, e bem de todos.
 Vossa Alteza, senhor, não desconhece

Quanto é util saber do povo os males :
 A ninguém mais compete, e ninguém pôde
 Melhor que aquelles, que, os visando, os sentem.
 Deve ser Vossa Alteza delle o chefe,
 Consultando-o em negocios transcendentés ;
 Aos ministros cabendo, executa-los
 Com perfeita justiça e inteireza.
 A tarefa que tomo excede ás forças
 De que posso dispor presentemente ;
 Pois mil difficuldades, mil tropeços,
 Antevejo em tão criticas circumstancias.

PRINCIPE.

Bem vejo os embaraços que me autolhas :
 Fraco de forças, de dinheiro exaustó,
 O paiz vai lutar, com taes obices,
 Que a coragem vencer só pôde um dia.
 Não me falta valor, a ti não faltão
 Saber, illustração, patriotismo ;
 Vontades mutuas, pois constancia temos,
 O querer é poder, nada nos falta.

(Entra um criado da casa.)

SCENA IX.

OS MESMOS E SALDANHA.

SALDANHA, *para o Principe.*

De vós, senhor, um mensageiro activo,
 Aguarda soffrego opportuno ingresso;
 Diz que chega de Minas, traz officios,
 Para o governo, que a provincia os manda....

PRINCIPE, *sobresaltado.*

Entre já, sem demora, aqui o espero:

(Sahe Saldanha.—Para José Bonifacio)

Que noticias trará tal estafeta?!...

(Vem entrando o mensageiro).

JOSÉ BONIFACIO.

Não as posso attingir; mas vem entrando
 Quem dellas portador parece ser.

(O mensageiro, que é um militar, faz uma reverencia ao Principe, ao qual entrega dous officios, e depois cumprimenta a todos. O Principe, depois de receber os officios, dá um a José Bonifacio e fica com outro, abrindo cada um o seu e lendo para si).

PRINCIPE.

Quando de todos o concurso almejo,
 Fugitiva esperança a mente assalta-me!
 Vendo, todos irmãos, rivaes, não pôde

Deixar o peito meu de angustiar-se !
 Que novo contratempo agora surge,
 Quando de calma a occasião quizera !
 Sou forçado a partir, pôr termo á luta,
 Que entre a junta nasceu por vãos caprichos !

JOSÉ BONIFACIO.

Seu espirito socegue, Vossa Alteza,
 São cousas de capricho, tudo acaba ;
 Em São Paulo igualmente isto vigora,
 E talvez tenha ali um tal desfecho.
 Creio ser proveitosa es a partida,
 A bem da causa que o Brasil começa ;
 Vossa Alteza, porém, melhor a julgue,
 Que bem posso tambem acompanha-lo.

PRINCIPE.

A ti cumpre ficar, eu a partir ;
 Ali sou eu preciso, aqui bem sabes
 Quem da patria cuidar agora deve.
 Adeos, vou me apromptar, seguir viagem,
 Breve, de volta estarei ao Rio ;
 Ás tuas mãos entrego este bom povo,
 Por mim, por elle te desveles sempre.

(Retira-se e todos o acompanhão ouvindo-se, á sahida, vivas
 ao Principe e a José Bonifacio.—Cabe o panno).

FIM DO III ACTO.

ACTO IV.

VISTA.—O campo do Ypiranga cercado de mato ; arvores com raizes salientes sobre a terra. Ver-se-ha tambem correr pelo campo um ribeirinho de agua crystallina.

SCENA I.

Ao levantar o panno deve achar-se em scena o Principe D. Pedro com grande sequito militar e povo paulistano.

PRINCIPE.

Folgue-se um pouco de fadiga tanta !
 A grata natureza allivio preste
 A já cançados, mas tão rijos corpos !
 Que maravilhas a natureza encerra !...
 Verdes campinas ! succulentos troncos,
 A vista encantão, arrebatão o espirito !
 O frescor da manhã mitiga a calma,
 A limpha corre, que nos farta a sede,
 Vegeta o campo odoriferas flôres,
 Agrestes sendo, as da cidade invejão !
 Tão altos troncos a ramagem enfeitão,

E prestão sombra ao viajor cansado :
 A um me encosto a repousar um pouco !

(O Príncipe dirige-se a um tronco, cuja raiz tortuosa é tão saliente sobre a terra, que presta um bom assento: do sequito alguns se deitão por baixo de arvores, outros sentão-se em raizes, poucos se conservão em pé proximos do Príncipe.)

GAMA LOBO.

Aqui, senhor, a buliçosa aldeia
 Não vem turbar do vosso espirito a paz ;
 Elle pôde expandir-se, elevar tanto,
 Que occupe as regiões do pensamento !
 Vossa Alteza que em si thesouro encerra,
 Dos bens que a patria, suspirando almeja,
 Abra seus cofres, sobre ella, prodigo,
 Derrame prompto a cornucopia cheia.
 Faça um povo feliz, que feliz deve
 Inda ser a despeito de mil tramas :
 Vossa Alteza encetou tão grande obra,
 Remate-a, é tempo, que o futuro é longo.

PRÍNCIPE.

Meus desejos são estes ; mas quem sabe
 Se de todos serão os votos santos ?
 Do Rio a Minas transportei-me em breve
 Para nella acabar mesquinhos odios,
 As minhas ordens reluctancia indebita ;

Felizmente cessarão, e bom accordo
 Entre todos ficou a bem da causa :
 Vim agora aplacar outros que surgem,
 Por velhas rixas de familias nobres.
 O momento propicio inda nos falta,
 Muito tem que fazer-se a bem de todos ;
 Tudo dispôr, quer tempo, quer estudo.

GOMES DA SILVA.

Neste povo confie Vossa Alteza,
 Elle ama ao paiz, á liberdade ;
 Assim, sempre amará, quem delle tome
 A causa a peito, e morrerá por ella.

AROUCHE.

No solo paulistano, um de seus filhos
 Não ha que não defenda a causa sua ;
 Todos por um, e o menor por todos,
 A peito tomarão tão justa causa.
 Vossa Alteza, senhor, tempo tem tido
 Do povo conhecer, a indole sua ;
 Quaes são seus soffrimentos, quaes seus votos,
 A' vista d'ordens do congresso vindas.
 Contai, senhor, comnosco, pois contamos
 Com a pericia e valor de Vossa Alteza.
 Qual é a opinião deste bom povo,

Demais, senhor, sabeis, é liberal:
 Como pôde soffrer torturas tantas,
 Um austero rigor das côrtes lusas?
 Avante, ó Príncipe, vossa gloria assoma
 Lá no horizonte do Brasil tão alta ;
 Avante, pois que a patria em vós confia,
 Por ella a vida todos nós daremos.

(O Príncipe levanta-se arrebatado de enthusiasmo, e todos que o acompanhão se approximão d'elle. Ao seguir viagem, entra um proprio que entrega ao Príncipe um officio. Este o lê, divisando-se em seu semblante ora signaes de indignação, ora de placidez.)

SCENA II.

OS MESMOS E UM EMISSARIO.

PRINCIPE, *depois de lêr o officio.*

Pois bem, mais cedo que o pensara eu vejo
 O momento surgir ante meus olhos ;
 As côrtes querem, a vontade eu faço,
 Meu rei de mim queixar-se, não, não pôde.
 Nossa doce união manter quizera,
 A bem de um povo irmão, a bem de todos :
 Mas, terrivel imprudencia, infernal zelo,
 Cega o congresso na ambição de mando !
 Eis, amigos, aqui, amargos fructos
 (mostrando o officio)
 Da nossa obediência às lusas côrtes ;

Que depois de acabar, de alterar tudo,
 Que a bem dos povos entre nós havia;
 Que apressado o Brasil deixe me ordena;
 Que é nullo e irritado quanto aqui se ha feito;
 Que a junta de São Paulo é criminosa,
 E por isso vai ser breve punida!
 Adiar por mais tempo os vossos votos,
 Os votos do Brasil, traição só fôra
 A' causa liberal deste bom povo.
 Seja, pois, nosso grito altisonante,
 Que repercuta do Amazona ao Prata:
 Valor, coragem — INDEPENDENCIA OU MORTE!

TODOS.

Valor, coragem — independencia ou morte!
 (Todos se retirão, e haverá uma mutação de scena.)

SCENA III.

VISTA.—O campo de Sant'Anna e casa do senado da camara, onde se achão reunidos povo e tropa do paiz. José Clemente, tomando a respectiva cadeira, tōca uma campainha que sobre a mesa está para principiar a sessão, cuja sala vê-se occupada por varias pessoas do povo e milicia.

JOSE CLEMENTE.

Sabeis, senhores, que chegando o Principe,
 Proclamada se soube a liberdade,

Quando lá no Ypiranga, a bem dos povos,
 O grito ouviu-se — independencia ou morte!
 E' sagrado dever, vontade unanime,
 Que por nós acclamado o Principe seja
 Defensor do Brasil, nosso imperante.
 Esta doce missão cumprir devemos
 No momento o mais breve, o mais propicio....

(Ouvem-se vivas do povo ao Principe e a José Bonifacio, e do Principe á independencia do Brasil, que são freneticamente correspondidos. Vem entrando o Principe com uma legenda no braço esquerdo com a inscripção—Independencia ou morte.)

O Principe chega.... recebê-lo vamos,
 E cumprir a missão doce e sagrada.

(Levantão-se todos e vão ao encontro do Principe, o qual solta novos vivas á independencia do Brasil, que são tambem correspondidos com todo o entusiasmo, bem como José Clemente ao Sr. D. Pedro I, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, os quaes são correspondidos por todos.)

SCENA IV.

OS MESMOS, O PRINCIPE E JOSÉ BONIFACIO.

JOSÉ CLEMENTE *ao Principe.*

Por meu orgão, senhor, vos falla o povo,
 Que vos saúda com ardor sincero!
 O grande feito do Ypiranga inflamma

Em seu peito esse amor que não se extingue!
E quem foi nosso heróe, lá proclamando
Com ardor, o Brasil independente?
Um principe liberal, do povo amigo,
Fostes vós, ó senhor, que nos salvastes!
Passados já lá vão mais de tres seculos
Que o Brasil não respira a liberdade;
Sempre opprimido, supplantado sempre,
Definhava qual planta desprezada.
Um ciume voraz as côrtes nutrem
Quanto ao futuro de torrão tão fertil;
Procurado assim tem pôr mil tropeços
A's cousas do Brasil, ao seu progresso:
Pois bem, senhor, á vista de taes factos
Por mais tempo hesitar fôra fraqueza:
Duvidar dos direitos, da justiça
Que um povo livre tem ao seu futuro,
E' julga-lo inferior em igualdade!
A nossa independencia é obra vossa,
Não se firma em principios duvidosos:
Proclamando o Brasil: sou nação livre;
De seu lado a razão manifestou-se.
E' direito perfeito, sim, de um povo,
Pugnar pela doce liberdade,
Como bem lhe aprouver, como propicio
Fôr ao futuro da grandeza sua.
Mas acaso o Brasil tem taes direitos?

Quem os nega, senhor? Sómente as côrtes
Que não sabem o que querem, que pretendem
A bem dos seus, dos interesses nossos!
Por trezentos e oito longos annos
O Brasil supportou pesados ferros,
Oppressão, vilipendio em troco d'ouro
Com que fartavamos da metropole a sêde:
Depois de muito confiar nas côrtes,
Que trahi-lo intentarão com promessas,
Suas doces palavras de igualdade,
De paz, ganhárão a confiança cêga
Dos leaes e sinceros Brasileiros.
Parecia tão justa, franca e livre
Do congresso a conducta outr'ora tida,
Que um imperio ganhou entre este povo,
Que se vio illudido em breve tempo.
Esperando o Brasil por seus direitos
Que um centro de unidade em si tivesse,
Vio burlada ao nascer sua esperança,
Sem governo, sem camaras que fizessem
Leis que animassêem a agricultura e artes:
A industria, o commercio, sem transportes
Não podião obter seu predomínio!
Nem sequer a justiça independente,
Portugal concedeu a esta terra!
Oh! desgraça fatal! em um só dia,
Mil planos de ruinas se traçarão!

O Brasil supportar jámais podia
 O pomo da discordia bem lançado :
 Foi assim que mais cedo que quizera
 Desunido se vio lá da metropole :
 Entretanto cumprio santos deveres
 Que ás nações o direito lhes confere.
 Tendes visto, senhor, as justas causas
 Do Brasil sustentar a independência :
 Dignai-vos ouvir agora delle
 O que prompto de vós conta obter :
 Quer sua integridade e independencia
 Defendidas, a despeito de seu sangue ;
 Um throno liberal por vós firmado,
 Conservado por vossos descendentes ;
 Cuja fórma um poder constituinte
 Delibere a favor deste bom povo ;
 Tudo emfim que um futuro grandioso
 Traga ao Brasil, ao povo f'licidades.
 Aceitai esta supplica, o povo o pede,
 Que a vontade do povo é santa lei.

(Ouvem-se vivas de José Clemente ao Sr. D. Pedro I, Imperador
 Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, os quaes são
 muito correspondidos.)

PRINCIPE, *agradecendo.*

Aceito e agradeço o que me outorgão
 Os filhos do Brasil por voto unanime :

Juro delles fazer sempre a ventura,
Se a ventura de mim só depender.
A publica opinião muito respeito,
Fois do mundo rainha a considero ;
Com ella governar é facil, doce,
Muito pôde fazer-se a bem de todos.
O facto consumou-se : o grito altivo
Lá do Ypiranga resôou no Prata :
Não ha que arrefecer, avante, avante,
Que o futuro sómente a Deos pertence.
Foi colonia o Brasil, viveu sujeito,
Sem direitos, sem leis, sem magestade ;
A metropole dispunha a seu talante
Das pessoas, das cousas desta terra !
Opprimido viveu-se em longo espaço,
Sem vontades, sem bens, ao homem innatos.
Tudo corria á discrição e empenho
Daquelles que além-mar nos governavão !
Houve tempo em que a côrte aqui ficando
Proscreveu de colonia o nome indebito ;
E assim, desde então, o Brasil vio-se
Occupando o lugar de reino-unido
Ao reino portuguez : com tal governo
Pôde então, entre si, ver consagrados
Alguns direitos, nacionaes emprezas ;
Mas que pouco durarão, porque a côrte
A do Rio partir, tudo offuscára ;

O congresso assentou de extinguir tudo
 Que nos dava direitos, garantias!
 Voltar á escravidão fôra uma injuria
 Que um povo livre tolerar não deve;
 Quanto mais sem razão das côrtes lusas
 Quando tudo entre nós mui bem corria!
 Eu que a peito tomei a causa vossa,
 Que me impuz sustentar vossos direitos,
 No momento em que a vi perdida quasi,
 Por vós tudo empenhei, meu proprio sangue,
 Proclamando o Brasil nação mui livre,
 Os seus filhos, leaes, independentes.
 Se tanto fiz por vós, que mais não faça?
 Aceito, pois, os titulos que me outorgão,
 A patria defender, juro, ou morrer.

(Ouvem-se vivas a Sua Magestade o Imperador por José Clemente,
 e são correspondidos por todos, e o Principe dirigindo-se a
 José Bonifacio continúa:)

A ti, varão distincto, a ti entrego
 Uma alta missão para cumprires;
 Pelo povo fazer, qual eu, só tudo,
 E' dever que nos cabe, é nosso empenho.

OSÉ BONIFACIO.

Senhor, de ha muito que cogito e estudo
 Os meios de exaltar vosso reinado,
 De vêr o povo livre, a patria rica,
 Occupando um lugar preeminente.

O pacto que jurarmos, nós, o povo,
Do Estado será primeira lei ;
O Brasil ficará nação tão livre
Que com outra não troque a independencia;
Seja só de seus filhos; sejam delles
Seus direitos politicos respeitados :
Justiça inteira a todos sem caprichos,
Sem odios, sem vingança e peso d'ouro.
Quaes estão as provincias divididas
Continuem a manter-se a bem do Estado :
Um governo monarchico, hereditario,
Constitucional, represente o povo :
Só vós ou vossa dynastia impere,
Como seu defensor, leal, perpetuo.
Cidadãos devem ser os filhos natos,
Quem quizer adoptar a patria nossa :
Representem o paiz quatro poderes,
Que modere, execute, faça e puna ,
As leis e crimes, imparciaes e justos.
O voto livre se garanta ao povo ;
Represente o paiz quem tenha merito :
Seja vosso poder chave politica
Que conserve a união de todo o imperio :
Conselheiros leaes, sinceros, fidos,
Bem nos mostra a razão, mesmo a prudencia,
Que ouvidos sejam nas questões mais graves.
A força militar, seguro escudo

Da defesa de um povo, é bem trata-la
 Por direito, dever, em prol de todos.
 As finanças, senhor, sómente tendão
 A gastar o que é justo, indispensavel;
 Não se finte de mais, sem que haja urgencia,
 Só por grandes despezas, mal pensadas;
 Pague a bolsa do povo o que é devido,
 Mas não pague desperdicio, esbanjamento:
 Emfim, senhor, ao poder se entregue
 Toda a força e valor da autoridade;
 Mas ao povo se dê taes garantias
 Que sustente o elemento democratico.

(Ouvem-se vivas do povo a José Bonifacio, patriarcha da independencia, que são correspondidos até pelo Principe.)

PRINCIPE.

Nem mais nem menos: antes dê-se ao povo
 O que pertence ao soberano povo:
 Elle tem o poder, d'elle dimanão
 Todos os outros por vontade sua.
 E' traição abusar, nefando crime,
 Da confiança que delega aos outros.
 E' pois inviolavel, mui sagrado
 Qualquer direito ao cidadão devido:
 A sua liberdade, bens, pessoa,
 Devem ser mais que muito respeitados:
 E' livre o pensamento, e livre sendo,

Deve ter tão completa liberdade
 Que sua restricção sómente seja
 As penas por abusos commettidos.
 Seu asylo é sagrado; e preso sendo
 Deve-o ser, só por culpa conhecida :
 O contrario é abuso, é crime horrivel
 Que o direito punir severo deve :
 Em favor de seus fóros, liberdade,
 Tenha seu tribunal de garantias :
 Não hajão distincções perante a lei,
 Mas por seu merito se distingão todos :
 Pôr tropeços não venha o patronato
 A' virtude, ao saber, sempre modestos :
 A vil adulação, nojento embuste,
 Recompense o desprezo, aversão justa,
 A tanto cortezão, traidor, ingrato.
 Seja a nossa divisa unica, e sempre,
 Povo, justiça, liberdade e lei.

(Ouvem-se vivas de José Bonifacio a Sua Magestade o Imperador, e deste ao dia 7 de Setembro e á independencia do Brasil, sendo todos correspondidos, tocando-se e cantando-se, por um côro, o hymno da independencia. Entra America e Brasil.)

SCENA V.

OS MESMOS, AMERICA E BRASIL.

AMERICA, apresentando Brasil.

Eis enfim corôados teus esforços,
 Oh ditoso Brasil! porção tão bella
 Desta bella porção do novo mundo!
 Rojaste ferros que os tyrannos lanção,
 Longo tempo vivendo submisso;
 Mas um dia chegou, ditoso dia,
 Que raiou para ti a liberdade!
 Na infancia ainda do correr dos seculos
 Não faltão germens da grandeza tua:
 Aureas minas possues, verdes campos,
 Tantos primores de valor subido!
 Só não tinhas, é certo, os braços livres
 Para prompto cuidar do teu progresso:
 Hoje nada te falta; eia, prosegue
 Na senda de um futuro grandioso:
 Comtigo fôra a natureza prodiga,
 O zelar esses bens, eis tua gloria!
 Eu incognita vivi, qual tu viveste,

Tu qual triste colono, eu mulher fragil ;
 A ti resignação, a mim coragem
 Nunca faltarão na maior procella.
 Folga a America de vêr-te Estado livre,
 A par de outros que em seu peito encerra :
 Teu brilhante futuro, a fronte orne
 Virente louro da victoria tua.

(Põe sobre a cabeça do Brasil uma corôa de louro.)

Penda de um peito que soffrer mui soube
 Esta doce expressão de um povo livre :

(Lança-lhe ao tiracol uma facha com o distico—Patria e Liberdade.)

Emfim, sejam feliz, ama a teus filhos,
 Como sempre amarão a liberdade !

(Ouvem-se estrepitosos vivas ao dia 7 de Setembro e á independencia do Brasil, os quaes são muito correspondidos.)

BRASIL, *depois dos vivas.*

(Desenrolando e alçando a bandeira nacional.)

Patria e liberdade !

JOSÉ BONIFACIO, *desenrolando o pergaminho em que está escripto o auto da independencia em letras visiveis, proclama :*

Independencia !

PRINCIPE, *desembainhando a espada e com valor.*

Ou morte!

TODOS.

Patria, liberdade, independencia ou morte!

(Toca-se o hymno da independencia, findo o qual ouvem-se
gyrandolas e salvas.)



1-07
2-18

JF441

